

BERNARDO SASSETTI – “A ÚLTIMA COISA QUE QUERO É SER INCOMPETENTE”

Entrevista de João Pedro Oliveira.

Quando compõe vê imagens, quando fotografa ouve música. Leva já 15 bandas sonoras no currículo, casou com uma atriz, leva a câmara para toda a parte. Bernardo Sassetti, uma das maiores referências portuguesas ao piano, afastou-se do jazz para abraçar a composição para cinema, uma arte que cruza duas paixões de uma vida. Não faz música para vender. Não se importa de ser pirateado. Quer apenas ser ouvido. Diz-se desiludido com o país de hoje, mas nem por isso pessimista. E nem se imagina a viver noutro lugar.

A paixão pelo cinema já levou Sassetti a pensar em realizar um filme. Mas essa não é para já uma hipótese. Porquê? Porque acha que não tem competência para isso e diz que é preciso dar o exemplo, num país que, defende, está cheio de gente a fazer coisas para as quais não têm a mínima competência.

Acaba de editar um disco que é a banda sonora de um filme (“Um Amor de Perdição”, de Mário Barroso) que chega às salas daqui por dois meses. É uma edição de apenas mil exemplares e sem qualquer promoção...

Sim

Nem um pingão de estratégia comercial...

Sim. Estratégias comerciais já foram.

É assumido isso?

É assumidíssimo.

Porquê? Acha à partida que a sua música não vende?

Neste momento só um milagre podia fazer aquele disco vender.

Porque...

Primeiro porque cada vez se compram menos discos. E tudo está mais difícil mesmo para quem vende. Repare que um disco de platina antes era atribuído por 40 mil exemplares vendidos. Hoje são 20 mil. Daqui a cinco anos serão com certeza cinco mil. Estou a falar disso como que abrindo uns parêntesis, porque vender não é a minha palavra de ordem. E a minha carreira desde o “Nocturno” (disco editado em 2002) tem sofrido uma baixa de vendas muito mais substancial do que eu estava à espera. O que não é grave. Eu não ganho nada com os discos que edito. A verdade é que nunca ganhei. O que eu quero é manter a ambição de melhorar os projectos de ano para ano. O que eu gostava realmente era que as pessoas ouvissem a minha música, percebessem a música e percebessem o porquê da música. Percebessem o projecto e o desenvolvimento.

A música que escolheu fazer é incompatível com uma estratégia comercial?

Foi sempre.

Mas por exemplo o “Nocturno”, de que agora falámos, esgotou nas lojas em tempo recorde, teve o aplauso unânime da crítica, recebeu o 1º prémio Carlos Paredes...

O “Ascent” (editado em 2005) também. E não vendeu nada, nem pouco mais ou menos, que se parecesse com o “Nocturno”. Mas repare no “Unreal” (“Unreal : Sidewalk

Cartoon”, disco/livro editado em 2006) que é, para mim, sem sombra de dúvida, o meu melhor disco e o meu projecto mais ambicioso, um disco que pode marcar a diferença em termos de conceito musical, passou despercebido. Demorou-me cerca de dois a três anos a preparar, mais um ano extra de trabalho gráfico que eu próprio fiz com o livro. E o disco passou completamente ao lado, cá em Portugal.

Mas mesmo passando ao lado da música, não se tem passado ao lado do músico. Bernardo Sasseti é um nome que se ouve com regularidade, tornando-se referência, um nome na moda...

Moda eu?! (risos) Sei que ganhei reconhecimento e exposição com vários projectos que tenho feito, mas...

Os projectos com Mário Laginha, as colaborações com uma série de outros músicos, da Mariza ao Rui Veloso, dos Da Weasel ao Carlos do Carmo...

Sim, mais os “Três Pianos” com Mário (Laginha) e o Pedro (Burmester)... Não tenho nem quero ter fronteiras desse género para a música que faço. Tudo isso me deu e dá imenso gozo. Quero mais é experiências dessas. O Carlos do Carmo, por exemplo. É um dos melhores cantores de palavras do mundo. Não tenho dúvida. É uma lição de música. E ele próprio diz que não sabe música, que não faz ideia, que não quer saber. É o primeiro a dizer “cada macaco no seu galho”. E no entanto é uma lição de música e eu admiro-o imenso. O tempo e a respiração das palavras, a afinação irrepreensível...

Mas falávamos da sua música, de uma certa incompreensão...

Sim... Eu já tive muitas pessoas que me abordaram na rua a dizer: “O seu disco é interessante, mas no próximo talvez pudesse pôr um pouco mais de melodia” e coisas assim. Coisas que eu acho interessantíssimas (risos). E depois há as pessoas do jazz que não percebem muito bem de que terra é que eu sou. Já fui sujeito a críticas completamente disparatadas, nomeadamente pela banda sonora do “Alice” (filme de Marco Martins, de 2005). Pessoas ligadas ao jazz que gostam de jazz puro e duro. E o “Alice” é evidentemente um disco que nada tem de jazz. Mas eu não tenho um “J” de jazz estampado na testa. E é isso que é preciso que as pessoas percebam.

Essas pessoas, que o viram com vinte e poucos anos a tocar ao lado de grandes nomes do jazz, Kenny Wheeler, Freddie Hubbard, Paquito D’Rivera; que depois o virão a trabalhar em Hollywood, no “Talento Mrs Rippley”, a gravar temas para Matt Damon... Sente que estão desiludidas com as suas opções, que estavam à espera de outra coisa?

Estavam. Absolutamente. Sobretudo pessoas ligadas ao jazz, que me foram acompanhando desde cedo, e encaram o jazz como uma forma de vida e uma forma de ouvir música. O que eu acho perfeitamente legítimo. O que eu não acho legítimo é que exista uma autoridade assertiva relativamente à música que os outros fazem. Eu seria incapaz de dizer “João Pedro não escrevas assim, escolhe outra palavra, outra abordagem para o teu texto”. As opções criativas e artísticas são qualquer coisa que é sentida cá dentro. E o facto de eu fazer uma música que não tem swing nem procura o swing, nem a tradição negra, ou negra/branca com estas influências todas que a Europa agora tem no jazz, deixou muitas pessoas desiludidas. Mas a realidade é que eu... olhe não sei o que hei-de dizer. É um caminho. Gosto muito da música. Gosto de ir à procura. Estou sempre à procura.

Estuda diariamente?

Estudo música diariamente. E estou sempre à procura de novas sonoridades. Oiço muita música contemporânea, oiço muita música de muito género.

Mas acha que a música que faz se está a tornar difícil?

Eu sei que a minha música é um pouco hermética. A música que eu faço não é uma música fácil. E isso acontece neste “Um Amor de Perdição”, que é um disco de que eu gosto muito. Aliás posso dizer que gosto mesmo muito, sobretudo pela entrega de todas as pessoas envolvidas e sobretudo pela entrega extraordinária das pessoas da orquestra (Sinfonietta de Lisboa), que é um caso raríssimo. Houve entusiasmo, houve vontade de fazer melhor. Houve um empenho extraordinário que eu nunca tinha visto. E este disco para mim é muito querido porque eu senti que havia ali muita, muita vontade de fazer um projecto melhor. É isso que eu quero para a minha música. Quanto ao resto, às estratégias comerciais, sinto que sou a pessoa errada para falar. Eu cada vez me afasto mais da ideia de vender e de querer ter a ambição de vender.

Sei que vai lançar um novo ‘site’ onde disponibiliza música gratuitamente.

Sim. Aliás podemos aproveitar para fazer aqui publicidade ao meu ‘site’, que vai ser espectacular. Vai ter música que nunca antes foi ouvida. Mais um mês e meio e está cá fora.

Vai oferecer a sua música?

Vou oferecer música, sim. Sem dúvida alguma. Não toda a minha música, claro. Eu também não quero aborrecer as pessoas (risos). Falo sobretudo de material inédito, de coisas que foram sendo gravadas e ficando de fora e que eu gostava de partilhar.

Oferece música, não tem ambição de vender discos... mas afinal vive do quê?

(Risos) A grande maioria das pessoas não sabe, mas eu tenho uma padaria. Vivo sobretudo de concertos. Eu nunca ganhei um ‘tusto’ com um disco que fiz. Ganhei com o “Mundos”, o primeiro disco em que tive ‘royalties’. Vou dizer o valor, não tenho problemas nenhuns em dizer; qualquer coisa que poderia hoje equivaler a 400, ou 500 euros. Foi o que eu ganhei com discos meus. Isto em ‘royalties’. Quanto aos direitos de autor são miseráveis porque eu não faço nada por isso nem tenho um advogado que me faça por isso. Vivo de concertos e bandas sonoras. E de outras coisas que faço, fora de cá e fora da música, e que não são sabidas.

Não é uma padaria?

Não. Nem narcotráfico (risos).

E é isso que permite esse despreendimento, estar despreocupado com vendas e até oferecer música?

Sim. Oferecer, deixar copiar, quero é que oiçam.

Deixar copiar? Piratear?

Sim, claro. À vontade, copiem os meus discos. Pirateiem a minha música à vontade, mas oiçam-na. Eu prefiro que o façam, mas que oiçam, que tentem compreender, gostar, partilhar. Se há coisa que me lixa é que as pessoas digam, como já disseram: “Eh pá, tenho estado a ouvir o teu disco no carro, aquele que começa com plim... plim... plim”. Eu não faço discos para ouvir no carro. Não faço.

Antes oferecer a música a quem a queira de facto ouvir...

Sim. Mas é preciso explicar o que quero dizer com oferecer, para não criar equívocos. O que pretendo oferecer, partilhar gratuitamente, são sobretudo coisas que foram gravadas e que nunca foram ouvidas, que ficaram fora das edições, sobretudo do trabalho que faço para cinema, e que acho uma pena desperdiçar. Por exemplo, tive um projecto que se chamava “Piano, Espaço e Momento”, que foi gravado no Pavilhão de Portugal no ano passado, e tinha uma dinâmica muito engraçada entre a música que eu fazia de improviso, o espaço e as pessoas que por ali passavam. O meu primeiro ‘set’ foi de três horas e meia sem parar (risos). Portanto imagine. Cheguei ao fim completamente fora de mim. Foi a única vez na minha vida que atingi aquilo de que muitos músicos já me falaram, que é o estado Alfa. Que muitas vezes só se consegue através de drogas.

Nunca foi o caso?

Não (risos). Não vou por aí. Mas isto é verdade: o estado Alfa é um estado que já não se sente o próprio corpo. Está-se a fazer, sabe-se o que se está a fazer, mas já não se sente o corpo, perde-se a noção de estar ali. A música, o piano, e o músico passam a ser apenas um no momento.

Procura isso quando toca? O prazer físico?

Prazer, prazer não sei, porque a música para mim também é um sofrimento. Muitas vezes representa um conflito. Entre aquilo que eu gostava de fazer e aquilo que não consigo fazer no momento...

Há um conflito entre compositor e executante?

Muitas vezes sim. Um conseguir chegar onde o outro gostaria de o levar...

O executante insulta muitas vezes o compositor?

Todos os dias (risos). E há também o conflito interno quando estou em palco a tentar atingir um nível musical que pretendo e sinto que não consigo. Eu acho que isto acontece com todos os músicos. Só que há músicos com maior capacidade técnica, outros com menor. Mas a mim não é a técnica que realmente me preocupa, é o resultado final. É olhar para a música e pensar, muito seriamente, o que é que eu estou ali a fazer. Porque é que eu estou em palco a tocar para as pessoas? Qual é o propósito do que faço?

E qual é?

Não sei (risos). A primeira resposta que geralmente dou a mim mesmo é: “Eu quero e tenho de curtir a música que faço”. Independentemente das pessoas. É evidente que eu sempre tive e sempre terei respeito pelo público, por quem ouve. E podem ser apenas duas pessoas, como já aconteceu, como podem ser um auditório com 1500, como aconteceu no fim-de-semana passado no Luxemburgo e foi maravilhoso.

A música é, antes de mais, para quem a faz?

Seria desonesto da minha parte se não dissesse que a música me corre nas veias, que é algo que me vem de dentro e que só assim lhe vou achando um sentido. Não há nada a fazer. Começa por ser um gesto com algo de egoísmo...

É por isso que faz discos e toma opções artísticas sem ligar ao que os outros possam dizer?

Sim. No fundo é isso. Não há outra forma de ser verdadeiro. Mas a música será sempre uma questão que me vai deixar muitas dúvidas.

Disse que não quer os seus discos ouvidos no carro. Sente que isso minoriza a música?

No caso da música que faço, sim. Repare, eu próprio tenho músicas de eleição para ouvir no carro. Não tenho nada contra. Mas há discos que é um bocadinho difícil de se ouvir ali pelo detalhe e intenção com que são feitos. Para além do carácter da música que faço, que reconheço que nem sempre é fácil, há a questão da qualidade do som. No caso deste último disco, por exemplo, a maioria das pessoas vai achar que está baixo. Mas não, é mesmo assim. Para manter os timbres dos instrumentos, para preservar a dinâmica da orquestra, para aquilo soar como deve, o som não pode ser masterizado muito alto, porque senão acaba tudo muito comprimido. Eu não quero a minha música assim. Para isso já chegam os ipod's e toda essa banalidade multimédia. São questões técnicas com que não vale a pena estar a maçar quem não está interessado nisso. O que interessa dizer é que a música hoje em dia é toda misturada no pico do volume, e perde qualidade por isso. Perde dinâmica, perde detalhe. Está tudo altíssimo e estamos todos a ficar surdos.

Deixámo-lo de saber ouvir?

Eu acho que cada um ouve música como quer. Mas acredito que 90% do mundo ouve música de forma errada e não é por culpa sua. É apenas porque não conhecem outro som, outra forma de ouvir. A culpa, de facto, é das editoras, dos produtores. Chegámos a um ponto em que está tudo altíssimo e que torna impossível ouvir o detalhe. E o detalhe na música, como em qualquer outra arte, às vezes é tudo. No caso do "Amor de Perdição" trabalhei mais de um mês para chegar àquele som. O som é baixo, de facto. Mas é assim que deve ser ouvido para se ouvir o que se quis lá pôr para ser ouvido.

Inclusivamente o silêncio.

O silêncio é da maior importância.

Sobretudo na música para cinema.

Sim. Para mim, compor para cinema passa muito por perceber onde é que é preciso deixar ouvir o silêncio.

Quando, precisamente, é que começou esta aventura do cinema?

O cinema chegou aos 12 anos, a assistir aos ciclos de Hitchcock. Muito antes de eu ser músico, muito antes de decidir ser músico de jazz, eu era um cinéfilo de primeira apanha. Todos os dias estava na cinemateca. E muitas vezes faltava às aulas para isso. A primeira experiência entre música e cinema foi a acompanhar filmes mudos ao vivo na Cinemateca. Entre eles os primeiros filmes feitos em Portugal. Tipo, os operários a sair da fábrica, "Os crimes de Diogo Alves", um filme a que achei um piadão. O Diogo Alves era um ribatejano vestido à campino que vivia em Lisboa e é o primeiro 'serial killer' da história do cinema. Mesmo. Documentado. É uma coisa deliciosa. O homem atirava pessoas do Aqueduto das Águas Livres (risos). Mas o encontro com cinema foi bem mais cedo, também na cinemateca, com 12 anos. E depois ia para casa escrever as sinopses dos filmes e batê-las à máquina. Coleccionar a minha experiência no cinema, fixar a memória do que tinha visto.

Esse instinto coleccionista mantém-se, segundo sei. É um comprador compulsivo de filmes.

É uma perdição. Lá em casa a colecção vai a caminho dos três mil filmes. Sobretudo clássicos do cinema europeu e dos anos de ouro de Hollywood. Tudo compradinho, nada de pirataria.

Os outros podem piratear, mas você não?

Gosto demasiado dos objectos, das obras, para abdicar de os ter para mim. Para mim são material de estudo. Tudo isso tem sido matéria de estudo aprofundado. É, aliás, o grande problema da minha relação com o cinema. Esse vício analítico acaba por se sobrepôr à fruição do cinema e da música. Foi assim que estudei as obras dos grandes mestres da música para cinema, como o Korngold e o Friedhoffer, gente de quem a maioria das pessoas nunca ouviu falar. Este “Amor de Perdição”, o meu último disco, é a minha primeira e, provavelmente, última grande homenagem a esses mestres. Que fizeram essa coisa fantástica de elevar a música numa relação com outras artes. No caso, a arte da imagem. É por isso que este disco é para mim tão importante.

É isso que também tem procurado fazer com a fotografia?

Sem dúvida.

Começou a fotografar aos vinte e poucos anos. É uma coisa que leva bastante a sério.

Muito a sério. Não é só um hobby. A fotografia é uma coisa que nasceu naturalmente desta minha paixão de sempre pelo cinema. E da minha vontade de conseguir uma ligação profunda, ainda que abstracta, entre música e imagem. Adoro o acto de fotografar. Fisicamente é um prazer, como tocar piano, uma coisa muito orgânica. A forma como tiro uma fotografia tem muito a ver com a forma com que me atiro ao piano. É difícil explicar... A fazer fotografia oiço música, a fazer música vejo sempre imagens. É uma ligação muito íntima para mim, que ainda não consegui pôr em palco como queria. Além disso, na maioria dos casos, compor para cinema tem sido uma experiência um pouco decepcionante...

Porque...

Porque a música nem sempre é compreendida da melhor maneira. É por isso também que tenho muitas coisas que foram gravadas e que nunca foram ouvidas. Muitos temas de bandas sonoras que ficaram fora do filme. Eu não delego culpas em ninguém e o que tenho a dizer é que a primeira culpa será minha porque, se calhar, não fui capaz de fazer bem. Mas tenho pena que por vezes não se perceba que há músicas que apenas funcionam depois de trabalhadas na mistura, com aquilo que é o som do filme, do que está a acontecer. A música tem de ser editada com imagem e isso demora tempo. Em Portugal, muitas vezes não há esse tempo, porque esse tempo é dinheiro e muitas vezes não há esse dinheiro.

É uma arte menorizada?

É e eu vou explicar porquê. Salvo raríssimas excepções na minha carreira, e já vou com 15 filmes em cima, vi os produtores e até mesmo os realizadores aperceberem-se à última hora de que é preciso orçamentar a música para o filme. A música acaba sempre por existir nos filmes, original ou não, mas isso não está contemplado nos primeiros orçamentos, o que é uma coisa absolutamente espantosa. E acaba muitas vezes feita à pressa, o que é uma pena. Por isso, a culpa é um bocadinho do meio. Da falta de tradição que devia já existir em Portugal e não existe.

A fotografia é uma alternativa ao cinema, para evitar a desilusão?

Um pouco. Com fotografia e cinema posso trabalhar sozinho. Embora eu adore trabalhar com outras pessoas...

Compõe para cinema, fotografa em sintonia com o que compõe. Só lhe falta mesmo realizar um filme. Nunca lhe ocorreu?

Ocorreu mas... Há aqui uma coisa muito importante que é a avaliação que eu faço das minhas competências. Estou farto de ver isso no cinema como em quase todas as áreas em Portugal. Por isso sou o exemplo: a minha competência não chega para isso. Acho que precisamos cada vez mais disso. De querer ser competentes e de nos queixar-mos menos. Sempre que nos queixamos do país, queixamo-nos de nós próprios.

Em Portugal há muita gente sem competência para o que faz?

Sim e não é só no cinema. É tudo. Em todas as áreas. Mas eu testemunho isso sobretudo nos meios em que estou, como este meio do cinema no qual me envolvi e do qual devo confessar me estou a distanciar cada vez mais, em Portugal. E depois por cá há esta coisa que já me cansa, de andarmos sempre a falar de cinema de autor versus cinema comercial. Eu quero é ver cinema. Ponto. Outro dia estive a ver uma comédia romântica com a Drew Barrymore e o Hugh Grant, "Music & Lyrics". É o dito cinema comercial mas não me digam que não é cinema. Aquilo é muito bem feito. É divertido, é bem feito, bem realizado, bem montado, a música é boa, a fotografia é ótima. Aquilo que eu senti quando trabalhei no filme do Anthony Minghella ("O Talentoso Mr. Ripley") – e não estou a dizer a puxar ao pingarelho (risos) – foi uma coisa muito intensa e que na altura me deu imenso entusiasmo. Toda a gente tinha uma função específica, uma especialidade, uma competência, e era nisso que se aplicava sempre com o objectivo de fazer um colectivo melhor.

Diz que está cansado do meio em Portugal mas não me parece que se queira afastar do cinema. Já há projectos lá fora?

Digo cá dentro, porque eu tenho uma visão um bocadinho poética. Eu sou músico, sou pianista, componho e adoro cinema. E acho que posso contribuir para um cinema um bocadinho melhor. Não estou a ser pretensioso. Acho que tenho capacidade para isso. Lá está: acredito que tenho a competência. Estudei música para cinema ao ponto de dizer: "Eu sou competente para fazer isto". Gosto de o fazer em Portugal, porque sou Português. O problema é que tudo aquilo de que falámos nos parágrafos anteriores me leva a distanciar um bocadinho disto. Já me cansa. E sim, neste momento tenho uma série de contactos e agentes para música de cinema. Tenho de escolher um caminho.

Já tem propostas?

Tenho propostas em agenda. Vou trabalhar com espanhóis, mas não vou poder dar nomes sem estar confirmado.

Vai emigrar?

Não! Nada disso. Daqui não saio. Gosto demasiado do país, da família, de ser português. Adoro viver cá. Adoro trabalhar com músicos cá. Adoro as pessoas. Gosto muito mais de viver aqui do que alguma vez poderei imaginar gostar de viver em Londres ou em Barcelona, duas cidades onde já vivi e adorei. Depois de ter feito a tropa passei nove anos a dar consecutivas voltas ao mundo. E, de vez em quando, vinha cá. Às vezes ficava mais tempo, outras vezes era entrada por saída. E a realidade é que isso ficou-me. Por uma razão muito simples: o estímulo de ver, de ouvir concertos, de experimentar coisas novas. Eu gosto de ir aos sítios e viver os sítios, viver as pessoas na rua, muitas vezes meter conversa. Gosto imenso disso. Nesse aspecto acho que foi muito engraçado a vivência em Barcelona e a forma como me relaciono com as pessoas tem muito a ver com a forma como os espanhóis se dão.

Esteve lá muito tempo?

Imenso. Muitos meses. Durante cerca de cinco anos passei lá vários meses por ano. Ia e vinha. Ou ia para Londres, para França... Depois passei a ir mais para Londres. Até 2001. Foram onze anos numa roda viva.

O que é que se passou em 2001 para o fazer assentar?

A família. Ponto. Acho importantes as raízes. Acho importante a presença da família, particularmente em relação às minhas filhas. E já vivi em muitos sítios e não havia outro sítio que eu gostasse mais de viver como Lisboa, sobretudo nos primeiros anos das minhas filhas. Devo aliás confessar que foi também por isso que eu me comecei a dedicar mais à música para cinema. A ideia de cortar com as tournées constantes.

Além disso casou com uma atriz (Beatriz Batarda)...

Pois. Exactamente (risos). Mas acho que a minha música teria seguido este caminho de qualquer maneira.

Conheceram-se no cinema...

Sim, mas atrás das câmaras. O encontro deu-se no “Quaresma”, filme do José Álvaro Morais para que eu fiz a banda sonora. E não me vou alongar mais nisso para não cair em lamechices (risos).

Falava há pouco com um tom de desilusão sobre o país. Quando liga a televisão, quando olha em volta, o que é que vê?

Um problema gravíssimo: vivemos na era da especulação.

Financeira, jornalística...?

De toda a espécie. Financeira, dos media, de gente a fazer coisas para que manifestamente não tem competência, o que é também uma forma de especulação. Existe especulação em relação a tudo. Desde que os media, e sobretudo a televisão se transformaram numa indústria de conteúdos, e não em veículos de informação, isso acelerou brutalmente. Não é um exclusivo nosso, mas eu sinto-o muito cá, porque sou de cá. Chegámos a um tempo onde tudo se aborda de uma forma superficial, sem profundidade nem consequências. É preciso ter em consideração que os tempos mudaram e que o fenómeno indústria existe. Mas nem tudo pode viver segundo o fenómeno de vendas. O caso Freeport é grave. O caso Maddie é gravíssimo. O caso Casa Pia é gravíssimo ainda mais. Fala-se demais, não existe segredo de justiça. Acho tudo isso uma vergonha, choco-me. E choco-me sobretudo por perceber que já não nos chocamos com isso.

Pensa e discute política? Sente-se com vontade de intervir de alguma maneira?

Lá está outra vez: não tenho competência para isso (risos). E a última coisa que eu quero ser é incompetente. Não estou talhado para isso. Não tenho capacidade de argumento, embrulhava-me à primeira frase. Eu não tenho segurança para isso. A única que eu sei que tenho é na música. E também já acho que começo a ter na fotografia. Corre-me nas veias, estudei a sério, ganhei competências. Desde há muitos anos, quando comecei aqui nesta casa (a entrevista decorre em casa dos seus pais).

“Vivemos na era da especulação. De toda a espécie. Financeira, jornalística, de gente a fazer coisas para que manifestamente não tem competência, o que é também uma forma de especulação”

Mas falávamos de intervenção política. Há tradição familiar aí também, é bisneto de Sidónio Pais...

Sim. Mas há aqui várias tradições familiares. Confesso que raramente me lembro de nós falarmos do nosso bisavô. Houve um certo tabu familiar. Além disso, a partir de certa altura ele teve uma vida complicada, em termos familiares. E numa família, digamos assim, tradicional como é a minha isso pesou um bocadinho.

Ficaram as outras tradições familiares.

Sim. Sou sobrinho neto do Luís Freitas Branco e do Pedro Freitas Branco. Foi por isso também que comecei na música clássica. Mas a música ia chegando de vários lados da família. E eu cedo percebi que não havia grande volta a dar, em relação à música. Não porque me a impusessem. Pelo contrário, sempre me foi dada uma liberdade admirável que foi fundamental para mim. Mas a influência e a convivência na família foi importante. E naquele tempo a família era enorme, toda a gente vivia perto uns dos outros, toda a gente tinha muitos filhos.

A sua família ainda é assim.

Pois é (risos). No Natal estive nesta sala com 24 sobrinhos e cinco sobrinhos-netos. É muita fruta, não é? E depois os apêndices, os tios, primos, amigos de família que vêm cá. É uma festa. Mas isto agora já está a acalmar um pouco. Só tenho duas filhas (risos). E a música, que sempre andou por aqui, continua nesta casa. Sempre houve um piano. Ainda ali está.